

Reportagem Cultural

Ancestral e ensolarada Loma

Contando mais de cinco décadas à frente de uma obra musical plural como poucas, a cantora Loma Solaris prepara-se para brilhar com o quinto álbum de sua carreira

Cristiano Bastos

“Sou espiritualizada e me reconheço ancestralmente oriunda da Região dos Grandes Lagos, em cujas águas deságua a nascente do ancião Rio Nilo. Em sua revolucionária dinastia, o faraó Akhenaton e a rainha Nefertiti aboliram a ‘pilha’ de deuses antes existentes no panteão de deidades para adorar o Sol como único Deus. Minha pele preta é uma dádiva justamente por sua propriedade de suportar o tórrido calor daquela região. Amo a luminosidade solar da mesma maneira que amo a história e a negritude do meu povo. Na medida que o conhecimento e respeito acerca das minhas origens foi crescendo em mim, um belo dia, eis que a Loma acordou ‘Solaris’”.

Com o enunciado desta legítima “declaração de hereditarie-

dade” a indômita cantora Loma Solaris (um dia ela também se chamou ‘Pereira’ ou simplesmente ‘Loma’) define a si mesma na atual etapa de sua trajetória artística. A nova alcunha é repleta de significados. O mais imponente deles se reflete, podemos dizer, justamente no resgate da história da cultura negra - dentro do rizomático cancionero regional sul-riograndense - promovido por ela no álbum *Loma Preta Gaúcha*. “Trata-se de uma obra essencialmente preta, enaltecendo e reafirmando em suas letras e melodias o vínculo do Rio Grande do Sul com a música latino-americana”, define a artista.

Com recursos providos do edital de cultura Aldir Blanc, *Loma Preta Gaúcha*, o quinto rebento solo de sua discografia, reúne no repertório um conjunto de canções cuja vibrante musicalidade

derrama-se em valsas, chacareiras, milongas, reggae e até mesmo uma incursão pelo boi da praia (ritmo afro-açoriano aproximado do maracatu). “Já as letras versam sobre meio ambiente, mulheres, povos indígenas e comunidades afro-brasileiras. Ou seja, temas que resgatam a tradição, mas que, por outro lado, seguem relevantes na contemporaneidade”, ressalta a cantora.

De autoria de Nilton Júnior e dos irmãos Adriano e Cristian Sperandir, o onirismo telúrico ao piano de *Valsa dos vagalumes* é o primeiro single de *Loma Preta Gaúcha* (a próxima a ganhar lançamento é a canção *O trigo*, poema de Oliveira Silveira musicado por Vladimir Rodrigues). Na concepção de Nilton Júnior, a dimensão da representatividade de Loma transpõe fronteiras geográficas e culturais. Ultrapassa, ele

situa, o público identificado com matizes afro-litorâneas-nativistas-açorianas, alcançando com o poder emanado pela voz de Loma uma audiência “regional brasileira”. Atual presidente da Moenda - Associação de Cultura e Arte Nativa (entidade realizadora da Moenda da Canção na qual, aliás, Loma triunfou em 1991, defendendo *Parentes na África*), Nilton diz-se embevecido com a lisonja de ter uma música sua na voz da cantora. “Ela, de maneira magistral, fez sua interpretação para *A valsa dos vagalumes*, nela cingindo um sentimento único e a ela dando um toque todo especial”, regozija o compositor.

Amiga pessoal e responsável pela produção executiva de *Loma Preta Gaúcha* (previsto para o primeiro semestre de 2026), Consuelo Vallandro tem a cantora como legítima “camaleoa” e - do alto de

seus vivazes 52 anos de carreira - patrimônio vivo da cultura brasileira: fonte de orgulho, inspiração e especialmente empoderamento. Uma artista, Consuelo distingue, que, dentre outros feitos, realizou o corajoso rompimento das barreiras tácitas estruturadas nos preconceitos os quais historicamente mantêm emparedado o tradicionalismo. “A garra e a confiança da Loma Solaris desenharam essa figura luminosa e solar, que, pelos mais diversos rincões do País, levou seu axé de energia, alegria e talento singular - e eis que hoje ela assume sua força no nome artístico por ela delineado”. Consuelo arremata: “A música que resplandece na voz de Loma para sempre há de brilhar na grandeza de seu legado e de sua sublime arte.”

Leia mais na página central